

QUINTA-FEIRA
Lisboa--25 de Outubro--1928

120
51
Sexto, 1928

3.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

sempre **127**
fi **se** **semanário**
humorístico



Propriedade
RENASÇENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57



— Homem, você está magro!
— Que quer? Não posso comer, os dentes não me doem.
— Arranque-os. Ponha outros, fortes, rícos.

1928
BORDALLO

O Bairro Alto Os emigrantes

vai ser radicalmente transformado

Continua o embelezamento da nossa velha Ulysses. A Avenida já está *feericamente* iluminada; o lago do Parque Eduardo VII está quasi cheio de boa linfa; o Terreiro do Paço cortou as arvores á «garçonnes» e o Bairro Alto vai sofrer uma grande, uma radical transformação. E' esta a surpresa que o *Sempre Fixe* oferece aos seus leitores.

Por exemplo: a rua da Rosa, que emurcheceu com o cheiro das *tipos chumbados* do *Correio da Manhã*, será arborizada com palmeiras; a rua da Atalaia passará a ser iluminada com potentes focos electricos, a fim da policia dar caça aos marujos; a rua dos Caetanos *conservar-se ha sapateira*, visto que o Conservatorio jamais largará a casaca á Luis XV do autor da *Severa*; o Cunal das Bolas, esse então, por mais *guntas* que apareçam, vai ser demolido, por proposta do carvoeiro da esquina.

Enfim! O Bairro Alto, que já não quer fadisticos, vai ter os seus *dancings* a abarrotar de *calcinhas* e de *Fleurons*, a trezandar a *Coty*.

Todavia, já ha reclamações, a despeito do sigilo feito acêrca desta transformação cidadina.

Os homens da travessa da Cara fizeram *cara* aos homens da Agua de Flôr, por serem estes os renovadores do latino bairro. E vai daí, como retrogrados, estão a criar *purrias* para se desafrontarem á *Camardo*. E os da *Agua de Flôr*, como modernos e possuidores de grande sensibilidade, negam-se a tomar parte em qualquer *corps-à-corps*, considerando que numa mulher não se bate nem com uma flôr...

A travessa das Mercês... honorificas deixará de ter o seu cabo de esquadra. Em seu lugar, na fachada do Palacio do Marquês de Pombal, doutros tempos, ficará o Frontão, de todas as épocas.

Apenas uma travessa do Bairro Alto City não sofrerá os tratos da civilização: a da Espera, que continua esperando pelo concerto do seu pavimento.



A IDA

Seguros agricolas e suas riais utilidades

Tio Nicolau, lavrador abastado, recebeu a visita dum agente duma companhia de seguros, que lhe ia propor uma apolice agricola contra o graniso.

Tio Nicolau acolheu muito mal o agente, pouco faltando para o expulsar de casa, chamando-lhe mendigo e gatuno.

Ora, nessa mesma tarde, passando de *charrette* deante da quinta do seu compadre Guilherme, tio Nicolau viu o mesmo agente de seguros sair do portal com um ar satisfeito, meter-se num automovel e desaparecer.

Tio Nicolau quiz tirar as coisas a limpo e saber se o compadre tambem tinha mandado passear o homem das palavras bonitas e das propostas onerosas...

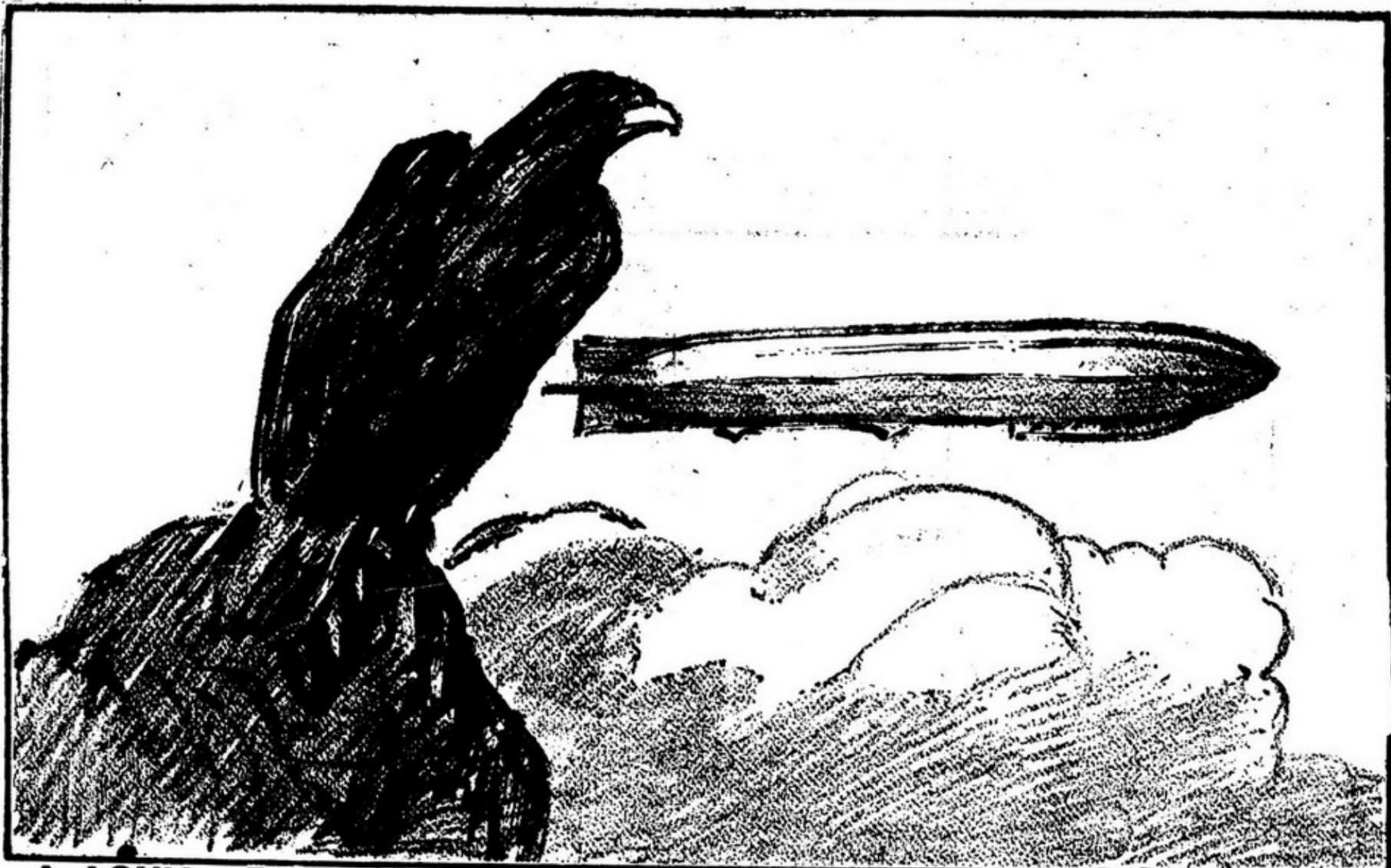
Foi pois com grande surpresa — e com sincera indignação — que Nicolau ouviu o compadre Guilherme confessar ter assinado um seguro contra o graniso.

Compadre Guilherme obtemperou: — Mas, ó Nicolau! Tu tambem tens as searas seguras contra o incendio! O tio Nicolau ficou impassivel perante tal argumento. E como o outro insistisse, retorquiu:

— Mas contra o incendio não é a mesma coisa. Contra o incendio, o seguro pode perfeitamente servir... Num mau ano, por exemplo... em que a gente vê logo que a colheita não dá nada! Mas contra o graniso?! Ora dize-me lá, já que és tão esperto, como é que tu te arranjas para fazer cair o graniso?...

SEMPRE FIXE vende-se na Povoas de Varzim, na Livraria Academica Editora.

O CONDE DE ZEPELIN



A AGUIA — Pois sim, mas anda lá...

HISTORIA MACABRA

Uma mulher apressada

Tenho por vizinha uma boa mulher a quem acaba de acontecer uma extraordinária aventura.

Eis como ela a conta:

— «Imagine que, ontem, ao voltar dumas compras, encontro meu marido estendido no chão, prestes a ir desta para melhor...»

Dou um grito e corro a casa dum medico, a quem explico o que se passa. O doutor diz-me:

— Está bem. Já lá vou.

Mas, como ele ainda estava a principiar o almoço, pensei:

«— Vai chegar tarde!»

Fui pois a casa do prior da freguesia e pu-lo ao corrente do triste acontecimento.

O padre, untuosamente, responde-me:

— Está bem. Lá irei.

Pensei:

«— Este tambem vai chegar tarde. E o melhor será ir já fazer a declaração de obito ao Registo Civil, para evitar complicações e a multa.»

No Registo Civil explico o facto e respondem-me:

— Vamos já tratar disso.

Corro a uma casa funeraria. Depois a um canteiro. Vou encomendar o luto.

E quando volto, fatigadissima, a casa — que vejo eu?

O meu marido, de esplendida saúde e dispondo-se a dar uma tarefa no medico, no padre, nos gatos-pingados, etc.

Estava curado! Vá lá compreender uma coisa assim!

Fiquei arbuada com ele e disse-lhe categoricamente:

— Fica sabendo, Isidoro: — para a outra vez, que morras a valer, não contes comigo! Tu mesmo é que terás de dar todas as voltas necessarias!

Bocageana

Ao amigo Mandim

Amigo. O teu verdasco me faz sarro; Mas, como tenho estomago de ferro, Cá p'ra mim, quando na caneca embarro, Não sei se é barro, sei que a lingua emperro.

E, se a boca me seca, mais descerro, O jarro da «pingota» com que esbarro; E, p'ra o bucho avinhado, então desterro Toda a vil prosa que, depois, fanfarro.

Sabes, amigo? Co'as tristezas mirro, E se no vinho as alegrias fôrro, Afaste-se o mal com que tanto embirro.

Emborca um copo, não sejas casmurro; Bebe dois ou três... — que eu cá me desfôrro

Com o cangirão... — Não te faças burro...

Amadis



— Imagina que aque insolente me perguntou se eu me lembrava de ter dançado com'ele em 1870!

— Na certa não quiz ofender. Talvez não saiba que a mamã tem muito pouca memoria.

Uma amnesia em tamanho natural

Chamava-se «miss» Leadbetter. Não se esqueçam. Porque se alguma vez a encontrarem, será bom que lhe saibam o nome, porque ela esqueceu-o completamente.

Miss Leadbetter tinha nascido em... Também já se não lembrava. E', de resto, um caso de amnesia comuna ás mulheres que passaram a idade de vinte e cinco anos.

Mas a amnesia de «miss» Leadbetter era absoluta. Se ignorava o remorso, tambem não sabia o que eram os encantos do passado.

Tomemos, por exemplo, a historia da sua *fourrure*.

Era em Dezembro e estava frio. Miss Leadbetter saiu e foi aos grandes armazens. Uma vendedora perguntou-lhe o que desejava. «Miss» foi incapaz de lhe responder. Mas a vendedora que a conhecia telefonou á criada de quarto da cliente — e obteve a informação necessaria:

— «E' duma *fourrure* que Vossa Excelencia precisa.»

— «E' verdade! Uma *fourrure*! Eu até tinha feito um nó num lençol, mas esqueci-me de o trazer.»

Escolheu uma *fourrure* e foi pagá-la á caixa. Na rua, verificou que a tinha deixado em cima do balcão. Voltou atraz e teve a sorte de a encontrar.

Durante o dia, deixou a *fourrure* por esquecimento, e sucessivamente, nos locais seguintes:

- 1.º — Num posto de correio.
- 2.º — Numa bilheteira dum cinema.
- 3.º — Num *fautoull* do mesino cinema.
- 4.º — Num loja de chá.
- 5.º — Num caixote do lixo.
- 6.º — Num *taxi*.

Por conselho da criada de quarto, pessoa muito viajada em *taxis*, Miss Leadbetter foi á garage da Companhia, reclamou o objecto perdido e teve mais uma vez a sorte de o reaver.

Voltou para casa e, deante da criada, falou com grande entusiasmo da honestidade das gentes contemporaneas. A criada, porém, objectou:

— Perdão, minha senhora! Mas onde está a *fourrure*, que não a vejo?!

— «E' verdade!!! Naturalmente deixei-a ficar no outro *taxi* que me trouxe agora a casa!

* * *

Uma das suas tias, mulher imensamente rica e modestamente amada pelos seus herdeiros — morreu. Miss Leadbetter soube do caso e resolveu ir ao enterro. Mas esqueceu-se e a sua ausencia foi muito notada.

Todos os outros parentes declararam que ela não tinha coração e que seria bom castigo o ter sido esquecida no testamento. Durante a leitura deste ultimo, soube-se com surpresa que todos os bens da defunta seriam divididos igualmente entre os membros da familia que não tivessem assistido ao funeral...

Esta revelação deu lugar a uma scena extraordinaria.

Quatro celibatarios presentes precipitaram-se para a porta. Mas um tio velho chamou-lhes a atenção para as regras leais do desporto.

— «Meus senhores! Teem que se pôr em linha e esperar o sinal de partida que eu darei com um tiro de pistola. O que partir antes será desclassificado.»

Assim se fez. O tio deu as vozes regulares:

— «Preparar! Estão prontos?»

Ao tiro, a saída fez-se com toda a regularidade, sem saídas falsas. Os quatro concorrentes, com os chapéus enterrados até ás orelhas, iam com uma velocidade duplicada pelo valor do premio.

Num cruzamento de ruas, o corredor da frente teve um erro, virou á esquerda e despistou-se.

Os outros seguiram bem. Mas, um pouco adiante, um segundo concorrente foi atraído pela loja dum alfaiate que anunciava fatos a preços muito razoaveis.

Os dois outros corredores chegaram ao mesmo tempo a casa de Miss Leadbetter.

— «Minha querida!» — disse um.

— «Encanto da minha vida!» — exclamou o outro.

— «Fazem o favor de se sentar...» — respondeu a miss. — Retomem o fôlego e digam-me a que devo a honra da sua visita...»

Replicaram ambos que a visita era devida a uma impulsão subita...

A vida marital com Miss Leadbetter tinha-lhes surgido de repente como o objecto do seu mais vivo desejo... E suplicavam-lhe que fizesse immediatamente a sua escolha.

Foi, grandemente comovida, que ela lhes respondeu:

— «Mas... meus senhores... é impossivel! Conheço a minha enfermidade... a minha falta de memoria!»

Eles protestaram, argumentando que esse defeito até lhes aumentava o encanto. Contaram coisas horrorsas das mulheres que tinham muito boa memoria.

— «Pois sim! Mas o pior é que eu sou incapaz de me lembrar num momento necessario se sou ou não sou casada...»

O "Semp're Fixe" daqui a 200 anos

TEATROS. — Ao que se afirma nos *mentideros* teatraes e, sobretudo, na Universidade da Chic, onde ha gente que se *deforma* em artista, a Sociedade dos Autores continua no Tethal, mas com tal receio de morrer um dia, que já tem um empregado a Velar...

— Está finalmente assegurada a vinda para o Coliseu dos Recreios da companhia Velasco. Lisboa vai oferecer aos turistas um aspecto curiosissimo, por isso que o joven actor Nascimento Fernandes mandou fazer cincuenta fatos de luto.

— No Avenida sobre hoje á scena a revista *Agua Forte*, com que se estreia no teatro a «parceria» Lindo Ferreira, Lopo Auer e Fliciano Saints. A musica é toda original da casa Sasseti.

VARIAS. — Foi ontem apanhado a tomar banho na Casa da Imprensa o sr. Brito Camacho.

A policia tomou conta da occorrenca.

— A comissão dos Padões da Grande Guerra solicitou do Governo providencias no sentido de se intensificarem os trabalhos do monumento aos mortos da guerra de 1914.

Parece que só daqui a dois anos o monumento estará concluido.

IMPRENSA. — Anuncia-se para daqui a dois anos a saída de dois grandes jornais, que serão dirigidos pelos srs. Celorico Gil e Carvalho da Silva.

INSTRUÇÃO. — O novo titular da pasta da Instrução teve ontem uma larga conferencia com os reitores dos liceus de Lisboa e Porto.

Ao que se afirma, dessa conferencia resultou a publicação dum decreto que diminue para dois contos de réis a matricula nos liceus, tornando-a assim mais acessivel ás classes pobres.

ANIVERSARIO. — Completou ontem vinte e cinco primaveras a distinta actriz D. Palmira Bastos.

«A GRANDE PARADA». — No Odéon continua correndo o filme «A Grande Parada». Parece que, em virtude deste abuso, a Inspeção dos Cinemas vai decretar que se não admittam paradas superiores a cinco dias.

O jogo do bilhar

Do A. B. C.

Como os jornais, por desgraça, Vão sujeitos ao *contrôle*, Eu, sem saber o que faça, P'ra saber o que se passa, Leio o A. B. C. espanhol

E o supradito jornal Conta, com espanto profundo, Como um caso original, A coisa mais natural E mais banal deste mundo.

Pois, após os esponsais, A coisa mais indicada, Aquilo que se faz mais, E' que os noivos, como tais, Vão dar a sua tacada.

Essa norma é com frequencia Por quasi todos seguida; E só me espanta a deferencia De convidar-se a assistencia Para que entre na partida.

João Fernandes.



O cabeleireiro (distrahido ao leão — Que vai ser? O cabelo ou a barba?)



Ela. — Que idade tem você?
Ele. — Vou fazer 20 minha senhora!
Ela. — Tem graça é da minha idade..



Um homem sem medo

Na farmacia duma aldeia sertaneja conversavam, numa palratorio que tão depressa era irritado como ameno, o farmacêutico Nunes, pançudo, enorme e balofo, e o Mendanha, africanista estilizado e cidrento, regressado ha pouco á metropote.

O Nunes, que de ha muito acalentava a esperança de se estabelecer com farmacia no interior duma das nossas colonias, dizia sobranceiramente para o Mendanha que, se não se ia embora imediatamente, não era por causa do clima ou das feras que lá encontraria, mas por falta de dinheiro.

Mendanha, rata velha, antegostando o prazer de ver o Nunes assustado, historiava os mil e um perigos que ele correria por causa dos animais ferozes de todas as especies e feitios que povoavam aquelas regiões. E, como não conseguisse amedrontá-lo, perguntou-lhe:

— O que farias tu, se lá encontrassem um leão?

— Ora, uma coisa muito simples — respondeu o Nunes — como eu nunca havia de sair senão armado, mata-va-o...

— E se encontrassem três leões em lugar dum?

— Fazia o mesmo.

E á medida que o numero de feras aumentava, o Nunes ia-as matando instantaneamente, com uma facilidade assombrosa.

De repente, o Mendanha, com um ar muito sério, volta-se para ele e pergunta:

— E se você encontrasse um episódio?

O Nunes relanceou um olhar pela loja, como se já buscasse o meio de se evadir, e respondeu quasi tremendo, numa voz sumida:

— Lá se me apparecesse um episódio... Subia para cima duma arvore...



— O senhor encontrou uma mala com fato de homem?
— Eu? quem lh'o disse?



— Donde vens tu tão negra que parece que não te lavas ha dois annos?
— Estou a banhos...

TAC-TAC-TAC

O HOMEM DAS PARAGENS

Quando eu o encontrei no Largo da Estrela, naquela noite chovisquenta de Novembro, Eleuterio Calixto falava só e em voz alta.

— Esta só a mim é que succede! Esta só a mim, com mil diabos! — repetia ele, gesticulando furioso e apanhando chuva.

— Oh, Eleuterio! — gritei-lhe eu, aproximando-me. — Que está você p'ra ahí a fazer e a gritar, que até parece *etiltado*?

— Louco! Louco é que eu estou! — exclamou ele, com volubilidade insolita e incongruente. — Louco de dor; doido de desenganos; alucinado de desespero!

Eleuterio avançou para mim em attitude tragica e eu cobri-o com o meu guarda-chuva. Eleuterio, então, acalmou-se e disse assim:

— Sabe você, Velhofrac, o que é o *trac*?

— Eleuterio, você delira duma forma absolutamente grosseira! — sentenciou eu, despeitado e criterioso.

— Perdão! eu sei bem o que devo á minha respeitabilidade e á respeitabilidade dos outros. Falo do *trac* dos artistas dramaticos, o que é outra especie de *trac*.

— Compreendo — respondi — compreendo, mas não sei o que é. Jamais gostei de frequentar bastidores, que reputo lugares perniciosos ao sexto mandamento; e, se adrega de por lá passar por dever de cortezia, logo, á falta de sandalias, á saída, sacudo as botas da poeira da concupiscencia.

— Pois o *trac* — dizem os entendidos na materia — é aquele capcioso receio do contacto com o publico; especie da *colica* dos estudantes que vão fazer exames para que não estudaram nada; mixto de medo e falta de confiança em si mesmo; o *trac* é o *trac*, numa palavra. Percebeu?

— Não percebi o que você quer dizer com isso; mas percebi o que é esse tal *trac* — comentei, em resposta.

Eleuterio olhou-me, severo, e continuou:

— Este fenomeno não produz acido sulfidrico; mas pode muito bem produzir coisa semelhante, analoga ou derivada. Em mim, produziu-me este estado de excitação que você verifica, após um outro estado de idiotia, causa imediata da minha desgraça.

Eu, cautelosamente, fui-me encaminhando, e a ele, mercê do guarda-chuva, para junto dum candieiro, onde poisava um policia de transito. Eleuterio — pensava eu muito para comigo mesmo — estava positivamente doido varrido!

Ele pareceu-me que se apercebera desta minha apreensão e, calmo *tout d'un coup* (como dizia Voltaire), pon-

do-me a mão no ombro, lamentou-se com voz trémula:

— Velhofrac, meu velho Velhofrac, eu sou muito infeliz!

— Desabafe! — aconselhei com ternura. — Desabafe no meu coração amigo os sentidos carnes da sua alma afflita, Eleuteriosinho!

— Sim! Vou-me desabafar. Entre-mos nesta leitaria aqui do lado e com socego lhe contarei o caso miserando.

Entrámos, abancámos e ele, depois de regalado suspirar, assim me disse, em voz pausada:

— Você sabe que eu sou afeito ao mulherio e gosto de esperá-las, all no Rossio, a quando, saltitantes, vão tomar os electricos. Você compreende: ás vezes, pega...

— Compreendo perfeitamente.

— Assim tenho eu feito e nunca, até agora, a desillusão batera á minha porta. Mas o amor é, como se diz por musica, *um mentno da Bohemia*; e, vai daí, encontrei no outro dia uma senhora, uma mulher, um anjo, um sonho que de todo me fez perder a cabeça. Esqueci por completo as minhas costumadas esperas nas zonas dos electricos; del-me em segui-la discretamente e discretamente comecei a escrever-lhe sem assinar as cartas, mandando-lhe sempre algumas flôres. Sempre que nos encontravamos, eu corava e ela sorria ligeiramente. Todos os dias a acompanhava até casa — efa mora aqui na Estrela — mas sempre de longe. Jamais me respondera; jamais eu me atrevera a falar-lhe. Até que hoje, alucinado pela paixão crescente, resolvi abordá-la. E abordei-a.

«Ela, sorridente, acolheu-me com simpatia e permitiu que a acompanhasse a casa. Eu ia radiante. Perguntou-me, quasi á porta, o meu nome e eu, por via do tal *trac*, hesitei. Disse-lhe:

«— Aquele que todos os dias lhe escreve e lhe manda flôres...

«— Encantador — disse ella, rindo — encantador!

«Chegamos á sua porta. Ella preveniu-me:

«— Agora retire-se, por favor; não me comprometa.

«E, como eu insistisse por uma promessa:

«— Eu lhe escreverei, eu lhe escreverei.

«— Mas... — gaguejei eu como um perfeito idiota. — Mas... não sabe o meu nome...

Ella, então, já aberta a porta, soltou uma gargalhada e gritou-me, ao mesmo tempo que me batia com a porta na cara:

«— Sei perfeitamente: é o *Homem das paragens*.

Cirano de Velhoirac.



— Faz favor arranja-me bacalhau á Gomes de Sá.
— Já acabou, mas temos lingua á Eça de Queiroz...

A mulher

em todos os tempos musicais

Num casal, para haver harmonia, é necessario concordancia. Da falta desta resulta sempre a *desafinação*. Quando a mulher casa, *sobe um tom*; quando enfiava, por seu mal, *desce um tom* — e se se divorcia, apela um *semi-tom*, que é como quem diz um *tom abaixo de zero*. Se a mulher contrai segundas nupcias, volta ao *tom natural* e se é cortejada ainda por outro, então, muda-se para lá, ficando, é claro, o marido na *suspensão* ou em *compasso de espera*, para entrar, novamente, no *conjunto*.

Mas, a dar-se o caso de o casal ser unido, a vida é uma *melodia*, cheia de *fusas* e *semi-fusas*, *colchetas*, *semi-colchetas*, *contra-pontos*, *alegros andantes* e *vivaces*. Havendo nuvem, tolda-se essa felicidade e o *tom das suas vozes é relativo ou moderado*, consoante o seu bom ou mau humor.

Ha dinheiro? Dançam-se *One Steps* e *Foxtrots*. Não ha daquillo com que se comem os melões — as valsas lentas são preferidas ás *marchas funebres*, quando aquelas não entram ao *som de pancadaria*.

A mulher, quando solteira, faz *apogeaduras* na voz, para demonstrar ao seu mais que tudo que tem dotes *vocais*. E canta com *expressivo* arrebatamento uma *romanza* qualquer em *já maior*. Se o *pequeno* dá mostras de agrado, diz-lhe com acentuada melguice:

— Gostas, meu filho, gostas? Aponta que preferes que eu cante em *mi*? E solta a *nota* com tal entusiasmo que o rapaz, todo *tenorino*, sente-se em *batzo*.

Sempre este trecho foi, é e será de todos os *tempos*... musicais!

Sol-e-Dó



— E o que põe na cabeça para ter tão bom cabelo?
— Umaz vezes o boné, outras a chapéu.



— A agua está deliciosa...
— Eu prefiro o vinho branco.

Questões de delicadeza

Cada vez são mais graves os atentados contra as magníficas doutrinas de civilidade do saudoso mestre João Felix Pereira. Este homem, este apostolo, que tão belos ensinamentos proporcionou à geração passada, além de nos recomendar as mais respeitadas amabilidades para com as damas, as maiores deferências para os velhos e festinhas nas faces dos bebés — nunca lhes lembrando indelicadamente que eram filhos de pais incógnitos — aconselhava ainda a sabia precaução de não se meter os dedos no nariz à frente de pessoas de cerimónia. Era, como se diria em linguagem do nosso tempo, um verdadeiro az da civilidade.

Hoje, as suas lições tão salutares estão quasi esquecidas. Fala-se em calção com as senhoras, chama-se descaradamente «ginja» aos que os ultrapassaram os sessenta anos, tratam os bebés à bofetada e limpam-se o «são» mesmo durante os mais solenes jantares de gala.

Ainda não ha muito tempo, tivemos ensejo de presenciar, de observar — embora Felix Pereira condenasse a bisbolhotice — um caso revoltante passado na sala de jantar de um hotel. A uma mesa estavam dois convivas — um, velho, outro, novo — que não se conheciam. O criado, certamente para comodidade do serviço, trazia de um só vez os pratos servidos para duas pessoas, confiando em que ambos os convivas saberiam distribuir entre si, em boa paz e delicadeza, a comida abundante, deixando no fim um restosinho, porque a boa civilidade manda que se finja pouco apetite.

Velo a sopa. E o rapaz novo, sem mais cerimónias, atirou-se logo à classica terrina, fumegante — encanto dos lares — e encheu o prato até mais não poder, deixando pouco mais de nada para o velhote. Teve este um olhar de estranheza, se não de terror, mas, como era pessoa delicada, que seguia à risca os doutos conselhos de João Felix Pereira, calou-se.

Velo em seguida um prato de peixe. E o rapaz novo — *même jeux*, como nas peças francesas que sobem à scena traduzidas em calção no Teatro Nacional.

Ouviu-se então o seguinte dialogo:

Velho: — O senhor é muito indelicado.

Novo (afectando grande ingenuidade): — Eu, porquê?

Velho: — Porque, vindo dois pargos para a mesa, um grande e outro pequeno, o senhor, indelicadamente, tirou o grande para si, deixando-me o mais pequeno.

Novo (com a mesma ingenuidade): — E qual de ambos tiraria V. Ex.?

Velho (carrancudo): — Eu, que sou educado, tirava o mais pequeno.

Novo (numa exclamação de alegria): — O mais pequeno! Ah tem o senhor. Parece-me que não o contrariel.



—Mas como te deixaste cair, idiota?

—E' que tive medo que a corda rebentasse.

As grandes reportagens

Uma mulher cabeluda tenta assassinar um vendedor de gravatas a prestações

Ontem, seriam umas 18 horas, os moradores da rua da Palma foram alarmados com muitos gritos e diversos toques desde o toque de caixa ao toque de berimbau, que partiam duma leitaria proxima. Fomos ao referido local e vimos ainda uma mulher sem linha correr em desalinho deante dum austero guarda sinalal-ro que a conseguiu deter no momento em que ela tentava atropelar um electrico. O caso era o seguinte:

Lucinda, uma pobre rapariga conhecida por a *Cabeluda*, por ter muito cabelinho na venta, era filha dum pai anonimo e duma criada tão mal-criada que um dia fugiu com o patrão sem ter pedido licença á patrão.

Para imitar a mãe, a pequena armou em produto quimico e sem nenhum estilo etilizou-se e entrou como *socia* auxiliar dum Club onde impera a nudez forte da verdade. Baixa, pernas em forma de parafuso e bastante cabeludas, inspirou palhões a officiais da marinha, officiais de barbeiro e a varios militares sem graduação e sem vergonha. Três anos depois, conseguiu amealhar algumas notas, alugou uma casa mobilada perto da Leitaria Esmeralda, da rua de Santa Marta e aceitou o amor impudico dum soba do bairro, que lhe comprou uns sapatos de trança para ela não ir parar com o edificio aos luxuosos calabouços do Governo Civil.

A *Esmeralda* avariou o seu cerebro e começou a ter a mania das pedras, pelo que abandonou Santa Marta para ir residir perto da Leitaria *Ametista*, da rua Moraes Soares. Com a cabeça em forma de Vickers, apaixonou-se pelos morenos e acabou por sentir um entusiasmo delirante pelos homens ás riscas.

Ha dias, numa leitaria da rua da Palma, Lucinda travou conhecimento com um homem que, não sendo ás riscas, vendia gravatas e riscados a prestações que, por sinal, não prestavam para nada. Mas ele era de gelo e mostrou-se insensível ás frases que Lucinda ternamente lhe enviava dentro de rebuçados espirituais. Despeitada, ontem, aproveitando o facto do desgraçado se encon-

trar um pouco etilizado, isto é, de baixo da influencia do alcool etílico, convidou-o a tomar um copo de leite, ao que ele acedeu sem notar o perigo que corria. Segundos depois do infeliz ter ingerido o liquido, os fregueses ficaram horripilados ao ver um espectáculo unico: A estrebuchar e espumante, o desditoso rebolava-se no chão como se tivesse bebido um hectolitro de acido sulfurico. Os olhos fóra das orbitas, dentes enterrados na lingua, num sofrimento atroz, o infeliz dava a impressão de que a sua vida se estava extinguindo. E Lucinda, como hiena ferida, dava gritos lancinantes tão dolorosos que ainda ha pouco um freguês completamente calvo me afirmou que todos os cabelos da cabeça se lhe puzeram de pé.

Outro freguês de avançada idade avançou para ela, no intuito de não desmentir a sua certidão de idade. Agarrou-a e, quando a tentava linchar, Lucinda, com uma força invulgar, mandou-lhe dois directos á boca do estomago e, sempre em alta grita, perseguida por dezenas de pessoas que lhe chamavam assassina, corria como louca e com tanta velocidade que atropelou um automovel e foi esbarrar com um electrico, que chegou a sair dos rails.

Preso, confessou que, por ciúmes, e aproveitando o estado do homem que adorava, o obrigara a tomar leite, por saber que era um veneno de seguro efeito. O pobre vendedor de gravatas a prestações foi levado ao Hospital de S. José, onde, depois de lhe terem lavado o estomago com dois litros de aguardente, recolheu á enfermaria de Santo Antonio, do referido Hospital. O seu estado inspira sérios cuidados. A criminosa mostra-se arrependida e chora tão copiosamente que, no calabouço onde deu entrada, o respectivo carcereiro já mandou extrair agua por três vezes.

Até á hora a que escrevo, ignora-se o nome da vitima, que uns dizem ter o apelido de Santos, outros de Domingues. Como já p vi, posso garantir que não se trata do sr. José Domingues dos Santos.

Rocix.

Vamos ter agua!

A Companhia das Aguas (e velas?) envia-nos uma clarissima nota cristalina que é uma abundante fonte de argumentos, brotando em torrentes que matam a sede aos que estão sequiosos de saber porque não ha agua em Lisboa. (Este periodo saiu um bocadinho largo e recomenda-se, ao terminá-lo, um copinho de agua... forte).

O sumo, isto é, o liquido da nota reside (não confundir com os residuos da agua da Companhia) em protestar contra o calor com que todos abrem a bôca e lançam acusações contra o sr. Carlos Pereira, quando melhor fóra que abrissem a bôca para lançar agua, que é o que nos faz falta. E porque se pede agua a um senhor que é Pereira e a quem, logicamente, apenas se podem pedir duas pèras? (Duas ou mais).

Não existe o apelido Aguas? (Esta graça saiu de agua chilra!)

A prova de que não falta agua em Lisboa está em se ter estado ontem verificando a existente nos depositos, chegando á impossibilidade de a medirem toda os deligentes funcionarios que, com pucaros, encheram varias medidas de litro, vendo-se obrigados a parar pelo estado de cansaço a que chegaram. E ainda lá ficou muita agua! Mais claro que isto nem agua!

Existe ainda o testemunho dum empregado da Companhia, que jura ter visto sair agua do contador da sua casa, o que se prova com a presença duma bacia (da cara) cheinha dela (da agua, não da cara, ainda que a agua da Companhia seja cara). A esposa deste empregado assustou-se tanto com a presença inesperada da agua que até teve que tomar agua... de flor de laranja.

E quando não ha agua é para evitar o horror dos hidrofobos (hidro-agua, fobos-horror, horror á agua).

Os que protestam contra a falta de agua são meia duzia de tolos que a querem desperdiçar no banho, apesar da proximidade do Tejo, e se não conformam em lavar apenas a cara, como toda a gente.

A verdade é que a Companhia das Aguas não se poupa a sacrificios para haver agua e ainda ontem comprou algumas garrafas da de Vidago para despejar nos seus depositos, luxo este que os consumidores devem ter em conta e agradecer. Por outro lado, andam os seus empregados soprando nos canos das escadas para a agua subir aos andares altos (alto: não alterem a ordem das palavras para que se não leia que os seus empregados andam soprando por outro lado).

Para os que, por qualquer circunstancia, insistirem em se refrescar, recomenda a Companhia uns caprichosos refrescos que dão por «pirolitos» (sim, que a Companhia não é dos refrescos, mas sim das aguas).

E aos porcalhões que sujam a cara e pretendem limpá-la com agua, recorda-se que a agua não é para limpar e para isso se recomendam os tira-nodoas ou as borrachas.

E quem não estiver de acôrdo, que vá tomar banho... ao Rossio, ou comprar agua... a metros.

Senão, esperem um bocadinho, que o inverno está á porta. E vamos ter agua!

Pirolito que bate.



—Então o que explora aqui?
—Os turistas, meu senhor.

Cantigas populares



—Onde vaes tão presumida,
Oh! da pelica de lontra?

—Como sou mulher perdida,
Ando a ver se alguem me encontra...

Charadas em fraze

Ainda *restam* pessoas de família e veem-se de um lado para o outro. — 2-3.

Decifração: *Estamparentes.*

Do *dóbro* da artista e do nome sai outra. — 1-2-2.

Decifração: *Bi Actriz Costa.*

Do *carneiro* vê-se a *marca* da atmosfera do actor. — 1-2-2.

Decifração: *Bimbral Do Ar.*

Quando faço *jogo* é zero e apanho trólla. — 2-2.

Decifração: *Bazanada.*

O *símbolo* da paz troçando governa. — 4-3.

Decifração: *Olivéria Xalaçar.*

A *despesa* subtrac-se agora os comilões. — 2-2.

Decifração: *Gastromenos.*

Das *jambes* e da *escrita* às vezes sai pouca-vergonha. — 2-3.

Decifração: *Pernografa.*

Se você *instar*, eles *irão* à terra do actor. — 3-4.

Decifração: *Instevdo Amarante.*

O *povo* de Bordalo e as *condições* atmosféricas tirando o verso andam com o empregario. — 1-2.

Decifração: *Zé Clima.*

Sobe a *magua* que ora *sobe* ora *desce* na Calçada da Gloria. — 3-1.

Decifração: *Intevador.*

Existe o *gosto* espanhol no *dóce* do mestre de teatro. — 1-2-1.

Decifração: *Hagusto Met.*

Ao longe *ouve-se* o *ledo* e o *Douro* anda no *pescoço* das fêmeas a *vêr* o jornalista. — 2-2-2.

Decifração: *Rugério Peles.*

Se tu *olhas*, *repara* na *consoante* e na *vogal* do *imbecil* à moda do Porto.

Decifração: *Vêsta.*

Dos seus *olhos* *magicos* e o *diminutivo* do *proprio* nome, se o *ferro* fôsse *feminino* dava *zanga* para a actriz. — 2-2-2-2.

Decifração: *Magaguida Ferrdira.*

Sendo o que é, não tem *altos* nem *baixos* a *vida* da actriz. — 1-2-3.

Decifração: *B' liza a Carreira.*

Pede-se depois da *meia* *desfeita* para o *homem*, que é um *espírito* curiosissimo. — 3-2.

Decifração: *Caldinho Gomes.*

Anda o *homem* com aquela *espe-*cie de *sopa* *aleutejana* sempre a *falar* com *piada* da *Constituição* da *ronha* do politico. — 2-3.

Decifração: *Brito Gaspacho.*



—Poltrões! Com cavalos contra um burro!

Meu tio "Deixa lá isso"

Ha vinte anos, não havia ninguem em todo o país e ilhas adjacentes com mais coragem para ensaboar o juizo a um fantasma de que meu tio Policarpo, mais conhecido pelo «Deixa lá isso».

Era tal a fama de valentia deste meu parente que aconteceu muitas vezes, a pedido de grandes comissões locais, ter de ir á provincia livrar uma casa de medonhas aparições nocturnas.

Minha tia, muito medrosa, aconselhava sempre o marido a levar consigo uma arma qualquer e punha as suas esperanças num velho arcabuz, ao que meu tio respondia:

—Para levar a espingarda tenho que alugar uma zorra. Ora imagina quanto isso custa...

—Então leva uma flecha, embrulhada em papel de seda.

—Deixa-me, mulher... Os fantasmas não tem medo dessas coisas... Eu é que sei como eles fogem...

Então surgia, inevitavel, o fraco que consagrava meu tio:

—«Deixa lá isso».

Ora, uma tarde, fez-se anunciar á meu tio uma senhora que trazia uma carta de recomendação do director da filharmonica de uma villa, onde meu tio conseguira desalojar um fantasma que todas as noites passeava no sótão, arrastando qualquer coisa parecida com uma grafonola, porque se sentia um movel escorregar no sobrado, ao mesmo tempo que se faziam ouvir caricias e guinchos muito complicados.

A visitante encheu a casa com o odor de um perfume tão intenso que minha tia ageitou os oculos umas trinta vezes. Quando ella saiu, minha tia exclamou:

—Policarpo! Deixa lá isso. Tem que acabar com essa fama de bruxarias, porque podê haver bruxas a valer. Depois que vi essa senhora que te veio procurar, tambem já acredito que ha bruxas.

Meu tio defendeu-se contra esta aparição de ciúmes de minha tia, explicando que a tal senhora já tentara nove vezes contra a existencia, aterrorizada com a visita de fantasmas em sua casa, e que um homem que tocava bombo lhe indicara o mestre da banda, que este lhe dera a morada dele, Policarpo, como sendo a unica pessoa capaz de acabar com tal situação.

Minha tia protestou, gesticulou, lá partindo os oculos, mas o meu tio

não deixou de ir acudir á senhora perfumada com medo do fantasma, que escoceava como um burro.

Três dias depois, minha tia recebia uma carta. Meu tio desculpava-se da demora. O fantasma que apparecia a escocear era teimoso como burro e não se decidia a deixar a senhora perfumada em paz.

Ora a verdade é que não apparecia coisa nenhuma. A senhora medrosa logo no primeiro dia explicou-se muito bem.

Na villa começou a correr que essa senhora dava entrada a um amante. Pelo menos tinha-se ouvido barulho. Só podia ser um fantasma. Ninguem acreditou na historia. Então era preciso que viesse um homem sem medo e que fôsse cavalheiro para acabar com os tais rumores mentirosos. Naturalmente só havia um homem: o sr. Policarpo.

Meu tio prometeu grandes vigilancias e dar com a coisa. Uma noite, ouviu passos, preparou-se para fazer frente ao fantasma, quando ouviu uma voz dizer:

—O' Policarpo! Não faças asneira. Deixa cá o velho governar-se. Quando fôr preciso, tu serás o heroi do dia.

—Ah! seu maroto—chegou a dizer meu tio. Depois compreendeu que não devia fazer escandalo.

Na tarde do dia seguinte, meu tio dizia á senhora medrosa:

—Para correr com o fantasma, preciso que V. Ex.^a me empreste o seu fato, para que ele julgue que eu me fui embora e, então, apanhá-lo e dar-lhe uma sova mestra.

Com uma magnifica espontaneidade, a medrosa senhora começa a despojar-se da sua vestimenta.

Felizmente para meu tio, não appareceu nenhum inoportuno fantasma. O diabo foi no fim. Quando meu tio saia, alguém, na escada, saiu-lhe ao caminho.

—E assim é que você corre com os fantasmas?

Trocou-se grossa pancadaria no escuro.

No dia seguinte, meu tio dizia á toda a gente:

—Aquilo é que eu tive de lutar para pôr o fantasma no olho da rua. Pobre senhora!

Mais tarde, quando meu tio era já um homem durazio, dizia alegremente:

—Ha tantas caras em fantasmas. Nem os maridos fazem ideia!...

...E TAL E COISA...

Já tendes reparado, certamente, Ao menos uma vez, que mais não seja, Nos estribilhos com que muita gente Salpica a fala, inconscientemente, Vezes sem conto, como protoeja...

E' uma coisa muito pitoresca, Por mim intimamente abençoada, Pois que sendo ridicula e grotesca, A's vezes me compensa e me refresca, De tanta e de tantissima massada!

Quem os não tem ouvido, pululando Em cada frase, repetidamente? São como aves garrulas em bando, Insistindo, chamando, provocando A atenção do mais indifferente...

Ha-os de toda a natureza — varios, Como varia é a gente que os prefere... E são alguns tão extraordinarios, (que eu não sei como os possam conceber!

Não é?... Não é verdade?... é frequente Ouvir-se a uns—ás vezes sem sentido... Em suma... E' logico!... Evidentemente!... Não sei que, não sei quantos... Franca-mente...

Daqui e dacolá, frito e cosido!...

Ora nesta questão dos estribilhos, Bemvindo Lucas, um amigo meu, Belo rapaz e pai de quatro filhos, Tinha tambem o seu...

Era duma modestia renitente... Mas se alguém lhe falava duma lei, De assunto mais raro e transcendente, Logo lhe ouvia, invariavelmente: — Bem sei... Bem sei...

E não estava mais na sua mão... Ao rico, ao pobre, a um escravo, a um rei, Té ás vezes a propria solidão, Tão arreigada estava a expressão, O seu tacito acôrdo era: Bem sei...

Viajava Bemvindo, um certo dia, —Oh Destino cruel o caprichoso! — Num comboio qualquer, em companhia, Dum sujeito que o mundo conhecia Como conjugalmente desditoso...

Seguiam ambos em conversa amena... Falador, o sujeito relatava Uma questão que lhe causava pena: A sua esposa, a sua Madalena Doente se quedava...

—Ora imagine o meu illustre amigo, Ora imagine como não lhe doei... Por descuido, esfolou—veja que p'riço! — Um sinal que possui sobre o umbigo... — Bem sei... Bem sei... — cortou o nosso heroi,

— Bem sabe? — salta o outro, transtornado, Como um homem a quem os calos pizem, E Bemvindo, confuso, embaraçado, Num gesto indefenido, illimitado: — Dizem... Dizem...

Quando, afinal, o comboio foi chegado, Uns momentos depois, De cento e três que haviam embarcado, Apenas se apearam cento e dois...

Armando Mariano



—Sofreu muito seu marido? —Desde que nos casamos, trinta e cinco anos Já nesse dia ele começou a sentir-se indisposto.



O que se diz e o que se não deve dizer

O "SALON" AUTOMOVEL DE PARIS

O Salon de Paris! A Meca idolatrada de todos os amadores do desporto automobilista!

Os belos automoveis, como certas belas senhoras, fazem-se admirar. Não os vê, admirá-los, tocá-los. Orgulhosos, mas consentem... Podê-se mesmo acariciá-los sem ser obrigado a pagar...

Junto deles ha uns rapazes elegantes, que fumam cigarrilhas de luxo — uma espécie de *maquercaux* — e que explicam como funcionam os seis cilindros...

Em volta dos stands ha as pessoas que querem comprar. São em pequeno numero.

E ha as outras — que são milhares...

O Salon de l'Automobile é uma manifestação necessaria á vida duma grande capital. Se não existisse — seria preciso inventá-lo...

É o Salon que permite aos vendedores da especialidade e pseudo-tecnicos portugueses ir dar uma volta a Paris...

E enquanto por cá os julgam perdidos na barafunda do Grand Palais, por onde se perderão eles? Os automoveis são bom pretexto...

De resto, compreende-se que se vá a Paris, sózinho. Porque se as esposas e as filhas fossem aos *Grands Magazins*, a historia havia de sair muito mais cara do que as mulheres que fumam...

Nos Campos Eliseos, numerosas marcas puzeram taboletas indicando os locais onde estão instalados os seus carros de ensaios.

Dois portugueses detiveram-se perante uma taboleta com a menção: — *Pietons. Emplacement réservé.*

E um deles diz:

— *Pietons!* Mais uma marca noval! Havemos de ir ao stand...

No Salon, de stand para stand, aumentam as surpresas. Invenções, astucias, maleficios — de tudo ha.

Farois que não deslumbram a vista. Carburadores que funcionam sem gasolina. Volantes que se endireitam por si. Para-choques de *cautchouc* e amortecedores de celuloide. Buzinas que não fazem barulho...

Comprar uma bomba, uma lanter-

na de cauda ou um São Cristovão — não arruina! Compra-se... e veremos.

Pelo menos, já se principiou a comprar... Caminha-se para o automovel... E mais cedo ou mais tarde...

Todos os novos modelos são *Six*.

Ha o Citroën-Six, o Essex Super-

Porque é também o Salon da injúria.

Não acreditem que aquele carro de 14 H. P. só consome sete litros aos cem kilometros...

Nem que dois minutos bastam para substituir as rodas amoviveis...

Nem que se possa desmontar o mo-

Nem que nos bancos auxiliares se viaje confortavelmente...

Nem que os farois iluminam mas não encandeiam...

Nem que se pode fazer um pneu novo dum velho...

Nem que o luxo da *carrousserie* dá qualidades á mecanica...

Nem que, com uma pequena *mise-au-point*, se faz dum modelo de 1913 um modelo de 1929...

E se, apesar de tudo isto, ainda quizerem fazer desporto automobilista, façam como eu: — tomem um taxi...

Se eu fôsse construtor...

Se eu fôsse construtor, ver-se hia finalmente nos Salons uma coisa nova. Um carro popular, mas com o merito de ser realmente barato.

O que custa caro num automovel não é a tampa do radiador, nem a buzina niquelada, nem a *mascotte*.

Pois eu montaria sobre o meu chassis uma soberba *carrousserie* com todos esses accesorios.

E suprimia, sem hesitação nem piedade, tudo o que vem aumentar o preço do fabrico: — carburador, magneto, caixa de velocidades, motor, etc.

Substitua tudo isso por uns pedais e uma corrente.

Querem coisa mais popular, mais barata e mais simples? E um tal carro terá, pelo menos, o merito de ser silencioso.

De resto, nada impedia o seu proprietario de se ir pavonear para a Avenida. Porque não se lhe viam os pés — e é o essencial...

A grande moda automobilista é a das guarnições em pele de serpente.

Para dar uma satisfação aos clientes ricos, não hesitaria em construir um carro todo de pele de serpente — desde o volante até aos amortecedores.

Comtudo, para lhes demonstrar que sou um construtor silencioso, estabelecera os tambores dos travões em pele de burro e a caixa de velocidades em pele de lésma...

Para os que querem bater os records, construiria também carros *hyper-sport* de corrida.

Simplemente, em lugar de montar o tubo-compressor sobre o motor — colorá-lo hia sobre o contador das velocidades...

COINCIDENCIAS



Com um réclame destes não admira tanta enchente.

Six, o Peugeot-Six, o Vicasix e o Monasix.

Tambem havia muitos «Imbe-Six»...

tor, ao serão, para distrair um pouco a familia...

Nem que este produto tira as manchas da *carrousserie*...



Ela — O fumo incomoda-o, cavalheiro?..

Rebola-A-Bola.

ECOS DA SEMANA

O VERÃO DE S. MARTINHO
FOI UM AR QUE LHE DEU, COM GRAVE
PREJUÍZO DOS ETÍLICOS QUETENCIONA-
VAM IR ÀS HORTAS ETÍLISAREM SE...



**A CORRIDA DE VELOCIDADE
EM BICICLETA FOI GANHA
PELO SOUZA. ESTE AO CHEGAR
À META NEM SE VIA.**



AS GRANDES CATASTROFES!!



**DENTRE OS PORTUGUESES
QUE FORAM EM EXCURSÃO AO
BRAZIL, SABE-SE QUE ALGUNS
PERDERAM A CABEÇA DE CO-**

ESTA ALI!

MAS QUE
TRANSTORNO

**MOÇÃO COM AS HOMENAGENS QUE L' LHE S PRESTA-
RAM. ENTRE AS VICTIMAS CONTA-SE O NOSSO COLEGA
ARTUR PORTELA - A CONSTERNAÇÃO É GERAL**

**PASSARAM O 60º ANIVERSÁRIO OS BOMBEIROS
VOLUNTARIOS**
EM BAIXO VE-SE O BOMBEIRO
DE HA 60 ANOS -



AQUI SÃO OS
DA ACTUALIDADE

ÉSTES, OS DAQUI A 60 ANOS

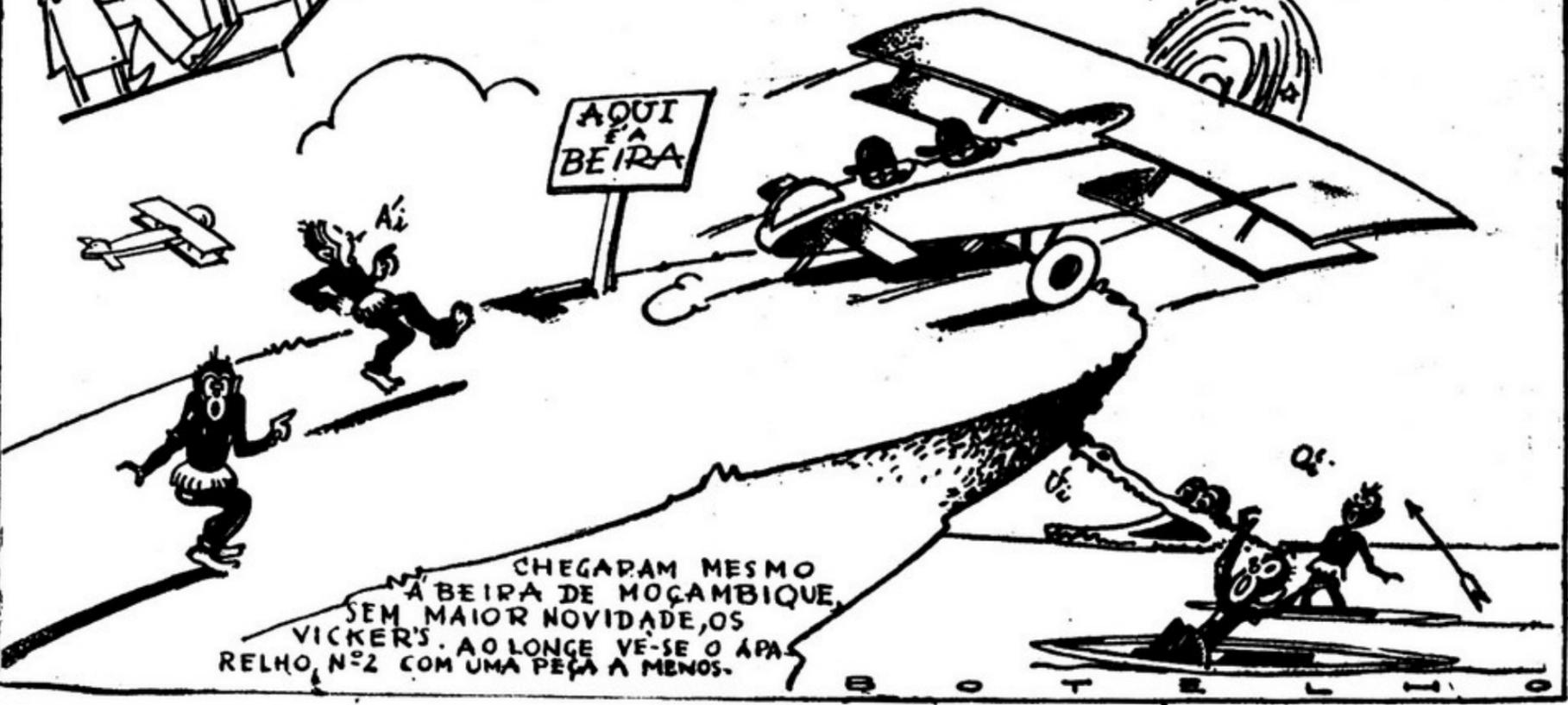


FALANDO COM MARTE
Uma utopia que pode transformar-se em realidade
Cada palavra custará 1 chiling e 6 pence!
(do jamaís)



**ESTA TUDO PRONTO!!!
NÃO FALTA NADA... O QUE AINDA SE NÃO SABE
É EM QUE LINGUAGEM SE HA-DE
TRANSMITIR...**

A FELIZ VIAGEM LISBOA-MOÇAMBIQUE



**CHEGARAM MESMO
À BEIRA DE MOÇAMBIQUE,
SEM MAIOR NOVIDADE, OS
VICKER'S. AO LONGE VE-SE O APA-
RELHO, Nº 2 COM UMA PEÇA A MENOS.**